

## GALPÃO

Apparício Silva Rillo

Meu tosco galpão de estância  
erguido sem aparato,  
aqui no mais te retrato  
sem te pedir permissão;  
abriga guasca sem luxo,  
lar paterno do gaúcho,  
sala de estar do patrão.

Galpão retaco e petiço  
de santa-fé desabado,  
que se varre mal tapeado  
uma que outra manhã;  
todo pintado de graça  
pelo pincel da fumaça  
molhado no picumã.

Escola viva dos campos  
onde ao tremer dos candeeiros  
os velhos guascas tropeiros  
vão escolando os piás,  
intercalando no ensino  
embretadas do destino  
e encontros com boitatás.

Churranco feito em teu fogo  
tem sabor mais apurado,  
porque se entranha no assado  
que devagar vai tostando,  
um aroma de mel de abelha  
que vem da tora vermelha  
do velho angico queimando.

Sob as traves do teu teto  
nossa gente rememora  
as arrancadas de outrora  
glorificadas na história;  
quando, nos choques fatais  
o relincho dos baguais  
era o clarim das vitórias!

Velha caserna crioula  
que avaramente resguarda  
nossa soldado sem farda  
da tropa da tradição;  
o mesmo bravo soldado  
que sustentou no passado  
a ferro e fogo este chão!

No recesso de teu ventre  
saturado de fumaça,  
amalgamou-se esta raça  
soberana das coxilhas,

que nos legou por herança,  
escrita a ponta de lança  
a história dos farroupilhas.

Ao calor dos carvões rubros  
do fogo aceso em teu chão,  
a crioula tradição  
se retempera e se expande,  
conservando nas histórias  
as cicatrizes e as glórias  
do verdadeiro Rio Grande!